



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 86

## Os muros do Juqueri

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Em 1885, o jornal *Pittsburgh Dispatch* publicou um artigo de opinião bem infame chamado: "*What woman was made for*". "Para que servem as mulheres". A conclusão do artigo – você já deve tá imaginando – era: as mulheres servem pra casar e ter filhos. O autor da coluna escreveu, com todas as letras, que as mulheres que não se casavam.

**Valentina Bressan:** Que não se casavam, que ficavam essas filhas solteiras, não tinham utilidade, assim.

**Branca Vianna:** Com certeza ele não era o único que pensava assim, naquela época. Mas aquele texto, naquele dia, pegou uma leitora especialmente pistola. E ela resolveu escrever uma resposta.

**Valentina Bressan:** E ela respondeu a carta desse colunista muito conservador...

**Branca Vianna:** Ela caprichou na carta. Era mais pra desopilar o fígado, mesmo. Mas, quando a carta chegou lá no jornal... o editor achou a escrita dela muito boa.

**Valentina Bressan:** Muito boa. Uma argumentação ótima, assim...

**Branca Vianna:** Só que tinha um detalhe. Ela não assinou a carta.

**Valentina Bressan:** Ela enviou a carta de forma anônima.

**Branca Vianna:** Ela assinou como: "*Lonely Orphan Girl*". "Orfã solitária". Mas o editor gostou tanto da carta, que ele resolveu publicar um anúncio.

**Valentina Bressan:** No jornal buscando a garota órfã que tinha escrito pra eles.

**Branca Vianna:** Ele pensou, de cara, que ela podia pegar o jeito pra ser jornalista. E ele queria que ela começasse a escrever profissionalmente pro jornal. E ela viu o anúncio e topou o desafio.

**Valentina Bressan:** A entrada dela no jornalismo é super interessante. A Nellie Bly, ela é uma personagem interessante porque ela é uma dessas personagens lidas como pioneiras.

**Branca Vianna:** Essa, que tá contando essa história, é a Valentina Bressan. E ela estudou a Nellie Bly, essa pioneira do jornalismo americano, no trabalho de conclusão da graduação dela.

A Valentina também é jornalista, que nem a Nellie. Mas o que fez ela se interessar pela Nellie foi menos o pioneirismo e mais a relação da Nellie com o que ela chama de "psicotemas".

**Valentina Bressan:** "Psicotemas". Eu não sei muito porque eu me interessei bastante por temas da psicologia, psicanálise. Os limites de loucura, sanidade... enfim. Quando eu era adolescente, eu li "*A Redoma de vidro*", da Sylvia Plath, eu também, claro, assisti, sei lá, "*Garota Interrompida*", que é um filme que também se passa dentro de um manicômio...

**Branca Vianna:** Tanto "*A redoma de vidro*" quanto "*Garota interrompida*" são obras que tratam de mulheres que são internadas em instituições psiquiátricas. A Valentina lembrou dessas obras quando ela soube de uma reportagem que marcou a carreira da Nellie Bly.

Naquela altura, a Nellie já tinha saído de Pittsburgh e se mudado pra Nova York. E o novo editor dela, no *New York World*, propõe uma pauta meio... esquisita.

**Valentina Bressan:** Ele propõe que ela se infiltre nesse manicômio fingindo loucura, e relate as condições. Porque os jornalistas ali tinham uma dica ou outra de que tinha alguma condição de maus tratos aos pacientes, de que eles não eram bem tratados.

**Branca Vianna:** Esse tipo de apuração jornalística – *stunt reporting*, ou reportagem de disfarce – é um terreno bem pantanoso, cheio de riscos e de questões éticas complicadas...

A ideia é trazer um relato "de dentro". Só que quem faz uma incursão por poucos dias (ou por semanas, ou por meses, até, que seja) nunca vai ter a mesma experiência de quem vive a situação "na vida real". Bom, mas a gente tá falando de século 19, né? Vários desses limites, dessas questões do jornalismo que a gente conhece hoje ainda tavam sendo inventados... E, bom, a Nellie topa a missão.

**Valentina Bressan:** Ela descreve mesmo como uma missão muito perigosa.

**Branca Vianna:** A Nellie dá entrada num albergue, numa moradia coletiva pra moças. E ela se registra ali com outro nome. Em vez de Nellie Bly, ela usa Nellie Brown.

**Valentina Bressan:** Ela se diz Nellie Brown pra ela entrar num desses albergues pra mulheres, em uma pensão só de mulheres, e ela começa a falar– repetir frases. Ela começa a parecer confusa... E ela fica mencionando que ela tinha uns baús que foram roubados, até que ela vai incomodando as mulheres dessa pensão, elas ficam falando: "Nossa, como essa moça é esquisita..."

**Branca Vianna:** A Nellie atormenta tanto as colegas dela do albergue, que elas resolvem chamar a polícia.

**Valentina Bressan:** E os policiais passam ela como essa pessoa que não tem família, como essa pessoa que está numa situação quase desaparecida, assim, precisa encontrar alguém. E a solução pra essas pessoas era mandar pro manicômio.

**Branca Vianna:** Que era exatamente o que a Nellie queria com essa história toda: fingir que ela tinha um transtorno mental, pra ser levada pro manicômio da ilha de Blackwell, e poder fazer a reportagem investigativa dela.

**Valentina Bressan:** Ela criou uma estratégia pra conseguir cumprir essa missão, e ela acaba no manicômio – que é uma coisa muito indicativa também de quem era mandado pro manicômio. Ela vai encontrar no manicômio pra mulheres, mulheres que só não falavam inglês e ninguém entendia elas e, logo eram colocadas nesse lugar de loucas, de estrangeiras e apartadas da sociedade. Também tinha mulheres que tinham feito reclamações na prefeitura de que não recebiam pensão, não recebiam auxílio suficiente, eram classificadas como incomodativas, iam para o manicômio. Mulheres que engravidaram sem ser casadas, mulheres que eram consideradas promíscuas...

**Branca Vianna:** O combinado que a Nellie tinha com o jornal era de passar dez dias no manicômio, sustentando o disfarce, e tentando coletar o máximo de informações possível. Depois desse tempo, o jornal ia entrar com um mandado judicial pra tirar ela dali.

**Valentina Bressan:** Ela não tinha muita garantia...

**Branca Vianna:** Mas deu tudo certo.

**Valentina Bressan:** O advogado consegue tirar ela de lá... E, no final, ela escreve na reportagem que ela desenvolve uma empatia muito grande pelas mulheres com quem ela convive, mas que ela estava aliviadíssima de estar deixando aquele lugar, porque, conforme os dias vão passando, tu vê ela ficando mais desesperada de ter de passar por aquelas situações na pele.

**Branca Vianna:** Nesses dez dias de internação, a Nellie colheu material mais do que suficiente pras reportagens que ela publicou no New York World.

Eram denúncias escandalosas de maus tratos – que resultaram em reformas estruturais no hospital psiquiátrico... e que resultaram também na fama repentina da Nellie Bly. Pra aproveitar essa onda, ela passou a encarar outras missões inusitadas – do tipo: dar a volta ao mundo em 80 dias, pra imitar o romance do Júlio Verne.

Só que nenhuma outra reportagem da Nellie fez tanto sucesso quanto os "dez dias num hospício" – que mais tarde até renderam um livro com esse nome – que foi relançado há pouco tempo aqui no Brasil pela Editora Fósforo.

**Valentina Bressan:** É de 2021. E nessa época eu fiquei bem fissurada por histórias de manicômios, de pessoas que escrevem sobre essa experiência em primeira pessoa. Daí eu também fiquei encucada com a questão de se tinha algum brasileiro que tinha escrito... e por isso eu cheguei na história do Walter e do Daniel.

**Branca Vianna:** A Valentina contou essa história – a história do Walter e do Daniel, pra Paula Scarpin.

---

**Paula Scarpin:** Na verdade, não foi só a Valentina que me contou essa história. O Walter e o Daniel também contaram. E acho que faz mais sentido começar pelo Daniel.

**Daniel Navarro Sonim:** Sou Daniel Navarro Sonim, me formei em jornalismo pouco antes de conhecer o Walter.

**Paula Scarpin:** O Daniel também é jornalista – mas ele não tava trabalhando como jornalista nessa época que ele conheceu o Walter. Ele tava dando aula de francês. Mas, não, não foi por causa das aulas de francês que eles se conheceram. O Daniel conheceu o Walter pela televisão.

**Daniel Navarro Sonim:** Eu tava em casa assistindo TV, comecei a passar os canais e parei no programa "Casos de Família".

**Paula Scarpin:** Talvez você já tenha visto "Casos de Família". O programa ficou quase 20 anos no ar no SBT. Mas, mesmo que cê não tenha parado pra assistir, nem só passado por ele, zapeando numa tarde, de bobeira, você provavelmente conhece a fama do "Casos de Família": família lavando roupa suja na TV, a plateia metendo o bedelho, um "psicólogo" ali no meio pra analisar tudo em tempo real, tipo: "quem sabe faz ao vivo"...

Temas tão aleatórios que viravam memes instantâneos, tipo: "sou viciada em seduzir", ou "meu cunhado não é conta de matemática, mas só dá problema". Nesse dia, que o Daniel tá contando, o tema do programa era...

**Daniel Navarro Sonim:** "Sou esquisito, e daí?"

**Paula Scarpin:** Isso foi em junho de 2007. Primeiro entrou a Marilena, a mulher do Walter.

***Regina Volpato:** Agora a gente vai conhecer a Marilena, que diz: "Nem quando o meu marido trabalhava no sanatório ele era tão esquisito quanto agora".*

**Paula Scarpin:** Foi essa a deixa que fez o Daniel parar de mudar de canal.

**Daniel Navarro Sonim:** Eu só achei interessante o fato de ter visto pela primeira vez uma pessoa que tinha sido funcionária do Juqueri.

**Paula Scarpin:** A gente já vai falar melhor disso – mas, pra resumir: o Juqueri foi um dos maiores complexos psiquiátricos do Brasil.

***Regina Volpato:** Ele trabalhou no Juqueri?*

***Marilena:** Trabalhou no Juqueri, cuidou desse Luz Vermelha.*

***Regina Volpato:** É, o Bandido da Luz Vermelha foi um bandido muito famoso. E por que ele ficou famoso, Walter?*

***Walter Farias:** É porque dizem que ele atacava, entrava na residência à noite com a lanterna, né?*

***Regina Volpato:** Isso. Por isso que ficou "Bandido da Luz Vermelha".*

***Walter Farias:** É o que eu sei, tá?*

**Paula Scarpin:** Lembrando: a dinâmica toda do "Casos de Família" é botar uma treta familiar pra jogo ali no auditório, e em rede nacional. É tudo meio atropelado, três casos ao mesmo tempo, a plateia convocada pra dar palpites. E o "problema" da Marilena e do Walter era que ela achava "esquisito"... ele passar tanto tempo trancado no quarto... escrevendo.

***Regina Volpato:** Sobre o que ele escreve?*

***Marilena:** Ai, eu nem vejo, mas sobre o Juqueri...*

**Paula Scarpin:** Meio "esquisito" é esse problema, né? Agora ficar trancado escrevendo é problema? Ok, talvez a carapuça tenha servido aqui...

Mas, sim, o Walter contou pra gente que, na verdade, a Marilena não via nenhum problema em ele ficar escrevendo. A ideia de ir no programa nem tinha sido dela.

**Walter Farias:** Um colega meu foi no programa. E aí ele falou pra mim: "Ó, Walter, quer ir na Regina Volpato?" Aí ele falou: "Cara, a perua vem buscar você aqui e leva lá". Eu falei: "Pô, eu preciso falar sobre o livro, porque o advogado falou pra mim, que era meu amigo na época, ele falou que eu precisava de um *"write ghost"*. Agora vocês falam o contrário, vocês falam *"ghost writer"*.

**Paula Scarpin:** O Walter tava querendo ajuda pra botar o livro dele de pé. E ele achou que levar a história pro "Casos de Família" era um jeito de tentar achar alguém pra escrever com ele.

**Walter Farias:** *Acontece o seguinte: eu não tenho estudo.*

**Regina Volpato:** *Não tem? Você fala tão bem, Walter...*

**Walter Farias:** *Não...*

**Valentina Bressan:** E daí o Daniel fica muito capturado pela história, como eu fiquei, como acho que a gente fica...

**Paula Scarpin:** Aqui, de novo, é a Valentina Bressan, que trouxe essa história pra gente. E, sim, eu entendo o que ela tá falando que o Daniel sentiu vendo o programa...

*"Pô, um ex-funcionário de um manicômio querendo contar tudo que ele viveu lá dentro... deve ter cada história..."*

**Daniel Navarro Sonim:** Eu mandei um e-mail para o programa. Mas também sem expectativa de repente aquilo não ia ser lido, não ia chegar lá, ia se perder no meio de outros, ou outras pessoas chegariam na minha frente, mas...

**Walter Farias:** A produção com pouco tempo mandou endereço de quatro pessoas pra mim escolher. Eu fui visitar todas. Uma era uma senhora milionária. Mas, pra entrar na casa dela, eu tive que tirar o sapato lá na portaria. Eu tive que entrar pelo fundo de uma cozinha

dos empregados, não podia entrar pela sala da frente. Aí eu falei: "Não, essa não vai servir, ela não vai sair da mansão dela pra ir." E os outros também eram pessoas, assim, mais idosas.

**Daniel Navarro Sonim:** Ele falou: "Ah, ele não vai querer ficar entrando nos matos do Juqueri comigo aqui e tal". Eu na época tinha quantos anos? 27, eu acho. Ele mesmo não sabia se eu ia me interessar pela história dele – tanto que ele perguntou: "Ah, se você gostar, eu te mando mais". Eu falei pra ele: "Olha, eu nunca escrevi livro nenhum. Eu sei ler, não sei fazer".

**Paula Scarpin:** Foi um match perfeito.

**Walter Farias:** Eu escolhi o Daniel. Me arrependo até hoje. Mas tudo bem.

**Paula Scarpin:** O Daniel, lembrando, tava ali do lado do Walter no estúdio. Essa história de "arrependimento" era claramente uma piadinha deles.

**Walter Farias:** O Daniel quando ele pegou os manuscritos, ele soube trabalhar muito bem isso.

**Paula Scarpin:** O livro "O Capa Branca", assinado pelo Daniel Navarro Sonim e pelo Walter Farias, foi publicado em 2018 pela editora Terceiro Nome, e os dois continuam sendo convidados até hoje pra falar do livro em faculdades de psicologia e em CAPS – né, os centros de atenção psicossocial. E foi assim que a Valentina ficou sabendo dele.

**Valentina Bressan:** Eu achei na internet, na página de um CAPS, que postou que tinha recebido a visita do Walter e do Daniel, e daí eu fiquei muito curiosa com o livro. E "O Capa Branca" – o título é porque, claro, os funcionários, os enfermeiros usavam essa capa branca que diferencia eles dos pacientes.

**Paula Scarpin:** Era tipo um jaleco, mesmo, que o Walter ganhou assim que ele passou no concurso pra trabalhar no Juqueri. Isso foi em 1972. O Walter tinha 19 anos.

**Daniel Navarro Sonim:** Ele não tinha completado o ensino médio.

**Valentina Bressan:** Ele era super jovem, e ele fez esse concurso pra trabalhar no Complexo Hospitalar do Juqueri...



**Walter Farias:** Eu entrei pra trabalhar de atendente – né, hoje nem tem mais essa profissão – de enfermagem no Juqueri.

**Paula Scarpin:** O Walter nunca tinha pensado em trabalhar com enfermagem.

**Walter Farias:** Quando chamaram pra fazer – ia entrar 900 e poucos funcionários – eu falei: "Vou fazer". Porque o salário do governo do estado era muito bom.

**Paula Scarpin:** O concurso não exigia nenhuma formação especializada – e os concursados também não recebiam nenhum treinamento antes de assumir os cargos.

**Walter Farias:** Aprendi tudo na raça ali com o pessoal, entendeu?

**Valentina Bressan:** Ele começa trabalhando – limpando pessoas que ficam acamadas, limpando os quartos... ele e os colegas dele chegam com alguma esperança de que dava para mudar aquele lugar. Eles limpam além do que era pedido para eles, porque eles querem deixar o lugar mais habitável, assim. E ele vai perdendo essas esperanças e essa perspectiva ao longo do livro.

**Paula Scarpin:** O livro é todo escrito em primeira pessoa, da perspectiva do Walter. Ele conta de como ele ficou impressionado com o conjunto arquitetônico, com construções que ele "*nunca tinha imaginado*" que ele veria na vida... Mas que, já no primeiro dia, ele entende que esse lugar é uma maçã "*linda por fora e podre por dentro*". Vou ler um trechinho:

*"Nunca havíamos nos deparado com aquela cena.*

*Tinha mosca em tudo quanto é lugar.*

*O lugar cheirava a carne podre com urina, fezes e vômito velho."*

O que se segue daí é uma descrição super forte, que eu vou dar uma pulada aqui... e aí mais um trecho:

*"Lavei tantos pacientes que até perdi a conta. Depois de passar água com a esponja e esfregar a sujeira com sabão, meus colegas limpavam as feridas e colocavam os curativos. De volta à cama, os pacientes deitavam sobre colchões novos e roupas de cama limpas. No chão, muita água, sabão e creolina. O ritmo da faxina chamava a atenção dos funcionários mais antigos, que, sem conseguir controlar as gargalhadas, diziam: 'Sai*

*daí, moleque. Isso aí não tem mais jeito. Pra que insistir em lavar esse monte de merda?"*

**Daniel Navarro Sonim:** Ele falava: "Às vezes eu tava com 50, 100 pacientes sozinho". Era bem complicado. Dar medicação, tanto via oral quanto injetável, afastar um do outro, às vezes amarrar, né? Tinha a coisa do choque elétrico também, que ele já me disse que nunca aplicou, mas ele já participou de sessão. Então, provavelmente...

**Paula Scarpin:** Segurando?

**Daniel Navarro Sonim:** Segurando o paciente de alguma forma – que tinha aqueles que seguravam o paciente que tava recebendo o choque, e tinha aqueles que seguravam os pacientes que tavam pra receber o choque, né?

**Paula Scarpin:** Pra não fugir?

**Daniel Navarro Sonim:** Pra não fugir, porque ele conta que era assim: era um salão onde colocavam lá dez, 15, 20 pacientes numa fila, e aí o primeiro ia pro chão, pro colchão. E aí, enquanto aquele tava recebendo o choque, os outros que tavam na fila viam aquilo e falavam: "Eu não vou nessa, não, vou embora". Então tinha esses que continham. Tinha a questão do banho também, que era bem parecida, né?

**Walter Farias:** 5 horas da manhã: acorda os loucos pra tomar banho. Aqui em São Paulo faz um frio, né, de certa época do ano. Os loucos ficavam tudo nu, encostados um no outro, e não iam pro chuveiro. Então aí, o que que os funcionários faziam? Iam lá, catavam os loucos e punham no chuveiro. Chuveiro não é quente, porque se for quente eles arrancam os fios e se matam. É gelado. Em 15 minutos tá todos os funcionários molhados, junto com os loucos, tomando banho. Você não sabe quem é louco, quem é funcionário.

**Paula Scarpin:** O trabalho no hospital psiquiátrico já não era fácil.

**Walter Farias:** E aí, com cinco anos depois, o governo do estado precisava de gente para trabalhar no presídio chamado manicômio – manicômio judicial. Que pertencia na época à saúde mental. Mas o tratamento era do judicial, você entendeu?

**Paula Scarpin:** Naquela altura, nos anos 70, tanto o Hospital Central do Juqueri quanto o Manicômio Judiciário tinham uma única administração central – sob o comando da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo.

Só que, enquanto o Hospital Central atendia pessoas com transtornos mentais *(além de outras minorias estigmatizadas pela sociedade da época, né?)*, pro Manicômio Judiciário eram mandadas pessoas que tinham cometido crimes, mas que tinham sido julgadas como inimputáveis.

**Valentina Bressan:** Pessoas que não poderiam cumprir a pena numa prisão regular, porque elas tinham questões de saúde mental.

**Paula Scarpin:** O Bandido da Luz Vermelha, por exemplo.

**Daniel Navarro Sonim:** O juiz determinava que ele fosse submetido a uma avaliação psiquiátrica, e havia um laudo e falava: "Ó, esse aqui não pode por presídio, tal, esse daqui tem que pôr numa instituição onde ele receberia tanto tratamento como cumpriria a pena", né?

**Paula Scarpin:** De cara, o Walter sabia que ele não queria essa transferência.

**Walter Farias:** Eu não sou polícia, eu não ganho pra ser polícia. Eu não fui contratado pra isso.

**Paula Scarpin:** Mas ele não tinha escolha.

**Daniel Navarro Sonim:** Hoje o manicômio judiciário chama "Hospital de Custódia e Tratamento" – mas é administrado pela Secretaria de Administração Penitenciária. Então, se fosse hoje, ou em alguns anos, não teria essa mobilidade de funcionário de um lugar pro outro. Naquela época, não, era tudo igual.

**Walter Farias:** Aí é outro mundo.

**Daniel Navarro Sonim:** Ele passou a trabalhar menos com enfermagem e mais com uma coisa da carceragem, que era abrir, fechar portão, né? Você primeiro que não vê nada além do muro e da grade, né? Você olha para cima, você vê que é impossível de pular aquilo. De falar assim: "Eu puxava cadeia igual aquelas pessoas. Só que eu saía. Era como se fosse um semiaberto, assim", né?

**Walter Farias:** Aí é um mundo de presídio. Então você tem que saber o que fala, você tem que saber o que diz, porque se não você aparece morto. Você entendeu? Então a vivência é outra.

**Paula Scarpin:** Vou ler um trecho do livro aqui:

*"Tudo aquilo que aprendi e pratiquei no Hospital Central não servia mais no Manicômio. [...]"*

*Nos pátios, os presos me deixavam intimidado. Eles ficavam nos medindo dos pés à cabeça e lançavam olhares que pareciam radiografar nossas entranhas".*

O Walter conta de um detento – que ele chama de "Sansão" – que tava preso sozinho numa cela, e que passava boa parte do tempo esmurrando e dando cabeçada nas paredes e nas grades... e o Walter e os outros colegas precisavam medicar com injeções. Ele conta que num dia que o Sansão não tava de bom humor, ele mandou um time de funcionários pra enfermaria. Vou ler mais um trechinho:

*"Várias capas brancas foram diretamente para o lixo. Alguns funcionários estavam com o supercílio aberto. Outros tiveram que carregar tipoiás nos braços por semanas. A maioria recebeu licença para tratamento de saúde. [...] Por sorte, eu estava entre os poucos funcionários com menos ferimentos que conseguiram voltar ao trabalho poucas horas depois."*

O Walter começou a ter muito medo de ir pro trabalho.

**Daniel Navarro Sonim:** Então, muita gente tava no manicômio e não se sabia ao certo por que aquela pessoa tinha chegado lá. Tinha, porque às vezes o funcionário via o prontuário, comentavam, mas muita gente tava lá e não sabiam por quê. Tinha um interno que arrancava os olhos dos outros internos. Tinha muita gente que era super pacata no manicômio, não fazia mal pra ninguém, era super tranquilo, tal... mas tinha matado a família inteira com um machado.

**Walter Farias:** E um dia eu ouvi uma conversa que poderia ter uma rebelião, e falaram: "Mas e se eu tiver o Walter em tal portaria tal e tal e tal..." E aí assisti um filme também americano que eu também tentei encontrar, né, Daniel? Não encontramos.

**Valentina Bressan:** Isso é até uma fase confusa dele. E o livro, ele mostra isso, né?

**Paula Scarpin:** Eu vou ler mais um trechinho do livro, dessa fase:

*"Aqui, minha memória começa a ficar nublada. [...]"*

*Depois de cumprir com minhas obrigações, sei que piquei o cartão e saí do manicômio judiciário. [...]"*

*Quando cheguei em casa, tudo estava silencioso. Minha esposa e meus filhos já dormiam. Acabei não jantando. Nada descia no meu estômago. Liguei minha TV amarelinha de 14 polegadas preto e branco da Philco e me joguei no sofá.*

*Comecei a assistir a um filme que se passava em um presídio, em que os moradores, as celas e os presos me lembravam muito os do Manicômio.*

*Bastaram uns poucos minutos para o terror tomar conta de mim. [...]*

*Parecia que aqueles presos me encaravam de dentro da televisão, lançando olhares desafiadores. Acho que, se pudessem, atravessariam a tela e me pegariam de jeito na sala da minha casa. [...]*

*Deu vontade de gritar, mas nenhum som saía da minha boca.*

*O final do filme me deixou ainda mais impressionado.*

*Os prisioneiros, após algumas reuniões secretas, formaram um grupo que deu início a uma rebelião.*

*Muitos carcereiros, funcionários e diretores foram mortos. [...]*

*Quando o filme acabou, eu suava frio e minha boca estava seca. Senti meu coração bater muito rápido. [...] Fiquei com receio de desligar o televisor e caminhar até o quarto. Adormeci com muito custo no sofá, mas acordei assustado, de repente.*

*Quando abri os olhos, acordei com a sensação de ter tido um terrível pesadelo, mas não conseguia me lembrar do que tinha acontecido durante o sono.*

*[...] Já era hora de sair para trabalhar, mas a ideia de atravessar a porta de casa e me encaminhar para o Manicômio me perturbava muito.*

**Paula Scarpin:** Essa noite foi uma virada de chave na vida do Walter.

**Daniel Navarro Sonim:** E ele falou: "Vou ser o próximo, isso vai acontecer comigo também". E aí pode ser aquela coisa, né? Como a gente não achou o filme, então pode ter sido que ele chegou em casa, ligou a TV e cochilou, abriu o olho, viu aquilo e depois voltou a dormir, sonhou com o resto. Não dá pra saber muito, assim, né?

**Paula Scarpin:** Não dá pra saber qual era o filme... Também não dá pra saber quanto era filme, quanto era sonho... Nem quanto o medo da rotina no manicômio judiciário tava nublando o limite entre o consciente e o subconsciente dele.

**Valentina Bressan:** E então ele começa a ter, ao que parece, um burnout...

**Walter Farias:** Então aí eu falei para o diretor, eu falei: "Eu não trabalho mais aqui".

**Daniel Navarro Sonim:** Aí ele começou a pedir pra voltar pro hospital. Ninguém dava bola. Ninguém tava nem aí.

**Walter Farias:** Ele dizia. Ele e todos diziam: "Você não pode". E nós, funcionários públicos do estado, morríamos de medo de sermos mandados embora. E foi aí que desandou minha vida lá dentro.

**Paula Scarpin:** Num primeiro momento, o Walter embarcou numa greve. Numa greve de um homem só.

**Walter Farias:** Eu fiquei 30 dias trabalhando no manicômio sem trabalhar. Eu ia de manhã, meu chefe falava: "Walter, você vai pegar a tal chave e ir pra tal corredor"... Eu falava: "Eu não vou trabalhar, eu quero voltar pro hospital". Aí eu fiquei 30 dias negando serviço. Depois de 30 dias, o diretor do manicômio me chamou. Falou: "Walter, o que aconteceu, você era um bom funcionário tão bom..."

**Paula Scarpin:** O Walter explicou qual era o problema...

**Walter Farias:** "Eu não quero mais ficar aqui."

**Paula Scarpin:** E, pra surpresa dele, o diretor entendeu.

**Walter Farias:** Aí ele liberou pro hospital...

**Paula Scarpin:** Simples, né? Só que...

**Walter Farias:** Só que eu já fui com um prontuário de mau funcionário. "Ah, esse funcionário não presta, se ele ficar junto com os outros, ele estraga os outros."

**Paula Scarpin:** O Walter voltou pro hospital psiquiátrico. Mas ele não reassumiu as antigas funções.

**Daniel Navarro Sonim:** Então não confiavam nele pra cuidar dos pacientes. Então botavam ele para pintar muro, pra limpar as coisas, pra capinar o terreno, né?

**Paula Scarpin:** O Walter tava se sentindo punido. Além disso, só a mudança de ambiente não resolveu o burnout, a exaustão, e a ansiedade que ele tava sentindo

depois da experiência no manicômio judiciário. E aí Walter começou a faltar no trabalho. Um trechinho do livro:

*"Além de não me levantar para nada, parei de tomar banho e comecei a sentir fortes pontadas no peito.*

*Tive que ir atrás de atestados médicos para me afastar do trabalho."*

Como o Walter era funcionário público e as faltas dele precisavam ser justificadas, com laudo médico e tudo, ele precisava ir até São Paulo pra ser periciado. Mais um trecho:

*"Parecia que as paredes do vagão iam cair sobre mim a qualquer momento, principalmente quando o trem freava. Tive a sensação de que vomitaria de repente nas pessoas, até perder todas as forças.*

*[...] Dali em diante, [...] chegava à estação de Franco da Rocha, dava meia-volta e fugia para casa.*

*Não queria me sentir sufocado novamente no vagão.*

*A cama servia com meu refúgio do mundo lá fora. Passei um bom tempo [...] sem sair de casa".*

**Daniel Navarro Sonim:** E aí voltou essa coisa dele faltar, de não ir, e tal. Eu acho que, nessa época, ele começou a ter o acompanhamento psiquiátrico, já...

**Paula Scarpin:** O Walter tava tendo um quadro psiquiátrico... dentro de um hospital psiquiátrico. Cercado de psiquiatras. Se tinha um lugar que ia saber diagnosticar e saber lidar com um profissional com burnout – que, aliás, nessa época nem tinha esse nome ainda –, com exaustão, com ansiedade, com síndrome do pânico, talvez... era lá. Né?

**Walter Farias:** Houve uma reunião dentro do Juqueri. Aí reuniu-se vários diretores pra falar de mim. E comigo junto. Entendeu? Ali eles optaram que iam internar. Aí eles reuniram com meus psiquiatras e me internaram.

**Daniel Navarro Sonim:** Ele não viu outra alternativa a não ser se internar. É aí que desandou de vez.

**Paula Scarpin:** Quando o Daniel ligou pra produção do "Casos de Família", ele não tinha a menor ideia do tamanho da reviravolta na história daquele ex-funcionário do Juqueri.

**Daniel Navarro Sonim:** Eu perguntava pra ele: "O que que você viu de mais marcante lá?", e tal. Ele: "Nada". "Como 'nada'?" Primeiro, porque ele normalizou as situações. E, segundo, porque ele não se sentia tão à vontade, assim, ainda em se abrir. O que deu certo foi ele me levar nos lugares. E aí tem uma história que não tá no livro, mas que ele pegou o carro dele, que era um Gol, na época aquele Gol quadrado. E a estrada não era bem uma estrada, era uma picada que tinha mato crescendo na própria terra. E aí ele parou no meio do caminho, assim, comigo, puxou o breque de mão e: "Você não tem medo de andar com uma pessoa que toma dez Diazepam..." – não lembro o número exatamente, mas era bastante – "dez Diazepam por dia?" Falei: "Não". Aí ele baixou o breque de mão e continuou.

**Paula Scarpin:** Diazepam é um ansiolítico, um remédio pra transtorno de ansiedade (parente do Rivotril, do Lexotan, do Frontal), que é um dos tipos de remédios mais vendidos no Brasil.

**Walter Farias:** É uma coisa assim – é muito louco o negócio da loucura. É muito louco. Mas é bem isso. Se você é moça, – vamos dizer que você não é da música, vai. Aí você começa a andar com as amigas que mexem com música. 15, 20 dias você já tá falando a mesma linguagem. Se você mesma pegar um problema familiar ou emocional, ou qualquer outra coisa e ficar 15, 20 dias com aquilo dentro de você, sem poder soltar – porque nós não tivemos psicólogo – então você já está na linha tênue entre a razão e a loucura. Você entendeu? Você tá numa linha tênue, você tá sofrendo. Agora imagina você dentro de um lugar daquele. Porque eu me sentia são transformado em louco. Depois eu tava louco...

**Paula Scarpin:** Eu queria fazer um parêntesis aqui: essas palavras – "loucura", "louco", elas carregam um estigma, uma carga pejorativa, e o ideal é que a gente prefira termos como "pessoas portadoras de transtornos psiquiátricos" ou "pessoas em sofrimento psíquico". Agora: claro que o Walter pode usar o termo que ele quiser pra falar de si mesmo e da experiência dele.

Isso é até um movimento bem comum entre grupos que são alvo de estigma, de racismo, de homofobia, enfim. É uma estratégia de resistência: adotar os termos que eram ou são usados como xingamento. Passar a usar essas palavras com orgulho. Ou com humor.

**Valentina Bressan:** Eu não imaginava que o Walter era super bem humorado dando entrevista...



**Walter Farias:** Eu sou Walter Farias, né, um louco, doente mental...

**Paula Scarpin:** Esse é um trechinho dos primeiros minutos de gravação da nossa conversa. Pouco antes do Walter tirar um cachorrinho de pelúcia do bolso...

**Walter Farias:** Eu apenas queria, antes de começar, mostrar pra você o meu estagiário. Ele chama Lacan-ão.

**Paula Scarpin:** Um cão de pelúcia chamado Lacan-ão. O Walter, assim como o Brasil, não é pra principiantes. Mas o Daniel não se assustou com a missão.

**Daniel Navarro Sonim:** O modo que eu encontrei foi organizar essas memórias que eram todas muito fragmentadas, né? Tinha um trecho que era sobre o manicômio, outro era sobre o hospital, um era sobre um paciente... o outro era sobre alguma coisa que ele tinha visto enquanto paciente... E aí, aos poucos, a gente foi construindo isso. Foi realmente um quebra-cabeça. Eu tive que quebrar a minha cabeça e acabei invadindo a cabeça dele, porque eu tive o privilégio de ser um dos primeiros a ter acesso a essas memórias, tanto as escritas quanto as narradas pra mim...

**Paula Scarpin:** Muita coisa dessas memórias, muitas peças desse quebra-cabeças tavam bagunçadas ou perdidas. Outras tavam sobrando, e talvez fossem até inventadas. Com todo mundo é assim, claro. Mas claro que, pra quem passa por tantas situações extremas – tantas situações diferentes no mesmo cenário – a confusão não tem como ser pequena. A internação em si é um dos pedaços mais confusos dessas memórias. Em alguns momentos, o Walter diz que a decisão foi pragmática, financeira.

**Walter Farias:** Pra mim não perder meu emprego.

**Paula Scarpin:** Naquela reunião com os diretores e os psiquiatras teria sido decidido que, se o Walter fosse internado, ele não ia perder o salário de funcionário público, e depois ia poder se aposentar por invalidez.

**Walter Farias:** Porque eu tinha uma esposa com três filhos, um maiorzinho e duas gêmeas que tinham acabado de nascer...

**Paula Scarpin:** Em outros momentos, ele entende que o caso dele era realmente grave.

**Walter Farias:** "Ah, é porque o Walter ia perder o emprego"... Tem nada a ver.

**Paula Scarpin:** Que o burnout escalou pra uma depressão com episódios de alucinação... e que, no protocolo médico da época, a internação se justificava.

**Walter Farias:** Sabe? São traumas que vai vindo e vai aumentando e vira uma loucura.

**Daniel Navarro Sonim:** E tudo acaba ficando meio nebuloso...

**Paula Scarpin:** Fato é que ele foi internado no Juqueri.

**Daniel Navarro Sonim:** O que dá para contar é que era assim: ele e os outros pacientes chegavam lá, iam prum setor que era o setor de identificação, e lá eles eram fotografados, aí ele tinha digitais colhidas. Então ele ia para esse prédio, que eram com as paredes que tinham os dormitórios, com as paredes arredondadas, que é a rotunda. E lá tinham essas celas que eram os dormitórios, onde tinha só uma porta de ferro, e na porta de ferro tinha uma janelinha por onde passava a alimentação. E todo mundo passava por isso. Isso podia durar um mês, 15 dias, uma semana, que era pra ver o diagnóstico. Claro, o diagnóstico nunca ia ser favorável. Você tá numa solitária. Ninguém fica são depois disso.

**Paula Scarpin:** Mas o Walter tava aguentando bem. Ele conseguiu um diagnóstico favorável.

**Valentina Bressan:** O psiquiatra com quem ele conversa promete que, como ele é um funcionário, ele vai ter um acompanhamento próximo. Tem essa promessa de que ele vai ter um tratamento melhor do que aquelas pessoas que ele atendia e via diariamente.

**Paula Scarpin:** Depois de sair da "rotunda", o Walter foi transferido prum quarto limpo, com uma cama confortável e, nas horas das refeições, ele recebia a comida dos funcionários, que era bem melhor do que a do bandeirão dos internos.

Só que, desde que ele entrou no Juqueri sem a capa branca e com o novo uniforme, ele ainda não tinha visto a cara do psiquiatra que vinha atendendo ele... e aí... bom, vou ler mais um trechinho.

*"Três dias depois, no entanto, enquanto eu dormia, um capa-branca me tirou da cama e me pegou pelo braço, com força. [...] Perguntei onde o*

*meu psiquiatra estava, mas ele fingiu que não ouviu. Insisti na pergunta, [...] contei que era funcionário e exigia saber onde estava meu psiquiatra. A resposta veio em forma de um tapa bem dado na minha cara. Depois, o capa-branca apontou o dedo pra mim e gritou: 'O doutor Giles saiu de férias ontem. Volta só mês que vem.'*

*Minhas pernas bambearam. Perdi as forças que ainda me restavam."*

**Daniel Navarro Sonim:** Ele ficou internado na clínica ao lado daquela que ele trabalhou. Eu falei: "Como que ninguém te reconhecia?" Ele ganhou o uniforme de paciente – que era o mesmo pra todo mundo – o mesmo não só sendo uniforme, mas era o mesmo tamanho de camisa, o mesmo tamanho de sandália de borracha. Os homens não recebiam cuecas. E ele teve a cabeça raspada. E foi, num primeiro momento, pro térreo da clínica. A clínica tinha o térreo e o primeiro andar. O térreo era com piso frio, com azulejo, talvez, não sei... Porque esse dormitório em que ele ficou primeiro, o próprio nome já é bem autoexplicativo e descritivo: era o "dormitório dos cagões e dos mijões", porque as pessoas defecavam no chão, na cama, à noite. E aí os funcionários abriram a porta de manhã, esses pacientes iam pro refeitório ou iam para os pátios, e os funcionários entravam lá e limpavam tudo. Isso foi minando ainda mais a sanidade do Walter, porque quando ele tentava se colocar como funcionário, já não acreditavam nele por ele estar com aquela roupa de paciente, e depois pelo fato dele estar nesse dormitório.

**Valentina Bressan:** E o Walter passa a viver exatamente aquilo que ele assistia diariamente. Ele tem todos os dentes dele arrancados, por exemplo, que é um episódio super impactante. E ele tem uma dor de dente subitamente um dia. Ele relata que ele tá com dor de dente, pra um dos atendentes de enfermagem, um dos funcionários – que costumava ser o lugar que ele ocupava ali. E ele é levado para a sala desse técnico em odontologia. Não era bem um dentista...

**Walter Farias:** Besta fala: "Mas dentista não faria isso!" Mas não era dentista. Na década de 70 lá era prático em dentista. E o prático em dentista podia ser eu, podia ser ele, podia ser o outro funcionário. Se faltava um lá, eles mandavam um funcionário pra lá, pra fazer estágio.

**Valentina Bressan:** Não importava realmente o cuidado com as pessoas que estavam lá. E o Walter é colocado na cadeira do dentista. Ele espera receber um tratamento de gente, humano, e então eles falam: "Ah, arranca todos os dentes dele, logo".

**Walter Farias:** Tiraram todos os dentes superior, dava aqueles ponto que Deus me livre, amarrado com aquelas linhas...

**Valentina Bressan:** E ele descreve que isso era feito com os pacientes mais raivosos, digamos. O Walter descreve que os pacientes que eram mais insubordinados, ou que tentavam fugir, ou tentavam morder pra fugir de alguma situação, a solução que o hospital arranjava era arrancar os dentes. Mas, no caso do Walter, arrancam todos os dentes dele porque ele relata uma dor de dente, pra eles se livrarem do incômodo de tratar essa pessoa com o cuidado que ela merecia. Eles: "Arranca de uma vez", e o Walter escuta isso e tenta fugir. Ele nota o que vai acontecer, ele tenta fugir, mas ele é segurado e ele passa pelo protocolo padrão do hospital, que era amarrar a pessoa, que era administrar um medicamento super forte. E a gente vê que não tinha um padrão médico.

**Paula Scarpin:** Não sei se você já acompanhou algum parente ou amigo que teve os dentes extraídos pra colocar implante ou dentadura... é muito impressionante como, sem os dentes, o rosto muda completamente. É como se a pessoa envelhecesse 30 anos, ou mais, numa tacada só. E, detalhe: não fazia nem três semanas que o Walter tava internado.

**Daniel Navarro Sonim:** Então é que ele ficou mais irreconhecível ainda. E ele meio que se recolheu e falou: "Não vou insistir mais que eu sou aquilo que eu era, porque se eu ficar insistindo, eu vou sofrer mais violência ainda". Então ele se retraiu. Aí depois só de um tempo que um colega dele, que nem trabalhava diretamente com ele, o viu e o reconheceu, apesar dele estar sem dentes, sem cabelo. Aí esse funcionário, que estava passando, falou: "Esse cara aqui é funcionário", né? "Vamos levar ele pra outro lugar". E aí levaram pro dormitório dos outros funcionários que tinham virado pacientes, principalmente por conta do alcoolismo. E aí esses funcionários que tavam em tratamento, eles acabavam não se tratando, porque o Walter, ele fala que foi o período na vida dele em que ele mais ingeriu bebida alcoólica, porque contrabandeava essas garrafas de várias formas. Aquilo, lá, entrava de todo jeito possível, e escondiam também das formas mais criativas possíveis. Isso era uma fuga desse lugar.

**Paula Scarpin:** Vou ler aqui um trecho do livro:

*"Um dia eu estava me recuperando de uma ressaca violenta quando o Agenor veio falar comigo."*

(Agenor era outro funcionário, agora interno.)

*"Ele disse que eu estava na lista para uma sessão de eletrochoque marcada para dali a dois ou três dias."*

Parecia que o Juqueri queria que o Walter completasse o bingo dos maus tratos ainda no primeiro mês dele de internação. Por sorte (ou pela eficiência da rádio-corredor entre funcionários e ex-funcionários), a notícia do eletrochoque chegou na mulher do Walter, a Marilena, e ela despencou até a portaria do hospital com os filhos a tiracolo.

**Daniel Navarro Sonim:** Imagina a esposa do Walter, na época, chegava lá e falava: "Eu quero visitar o Walter, onde ele tá?" Ah tem que ver, e aí até ver onde tava pra achar na papelada. Perdia o tempo de trabalho também.

**Paula Scarpin:** Não ia ser fácil. Tudo que ela conseguiu naquela visita foi descobrir que, nas férias do Dr. Giles, o psiquiatra do Walter, os eletrochoques tavam rolando soltos, e não tinha como os parentes intervirem...

Mas, na manhã seguinte, o Walter acordou com uma boa notícia: o psiquiatra dele tinha voltado de férias, e todas as sessões de eletrochoque tinham sido canceladas.

O Walter ficou, no total, cerca de um ano internado no Juqueri. A gente não consegue saber exatamente, porque teve não um, mas dois grandes incêndios no Juqueri, que queimaram praticamente todos os registros dos internos.

**Daniel Navarro Sonim:** Porque, assim, não teve só o incêndio do prédio da administração em 2005. Teve um outro incêndio no Juqueri, nos anos 90, que queimou os livros com os registros dos mortos no cemitério de lá. E aí tem uma estimativa de quantas pessoas tão enterradas lá. É um negócio bem obscuro também. Eu achava que o prontuário de funcionário dele tinha se perdido no incêndio também. Mas não, só os de pacientes que se perderam, de funcionário tá inteirão. Era um calhamaço de papel, assim: "O salário mudou tal dia", né? Tudo meio à mão. E aí já tinha uns episódios lá, nos períodos que ele tinha apresentado um comportamento já mais de irritação, que aí que foi começando. Então acho que foram uns quatro anos que ele trabalhou no hospital, e depois ele foi para o manicômio, e aí deve ter sido uns dois, três anos mais ou menos, e, pelas contas dele, ele ficou de paciente mais ou menos um ano. Ele, acho que saiu de lá em 81, porque a saída dele foi gradual, também.

**Paula Scarpin:** O Walter entrou numa espécie de regime semiaberto do hospital psiquiátrico – ele podia passar o dia em casa e só voltar pro Juqueri pra dormir, enquanto a administração cuidava da papelada da aposentadoria dele por invalidez.

**Daniel Navarro Sonim:** Eu sei que quando ele saiu, ele tinha 30 anos. E aí o que dói nele assim mais – quer dizer, que ele exterioriza, que ele ia numa loja. Aí tinha que fazer lá um cadastro pra abrir um crediário, essas coisas de antigamente. Aí pergunta profissão. "Aposentado". "Como assim, aposentado? Você tem 30 e poucos anos."

**Paula Scarpin:** As lembranças do Walter sobre entrar no Juqueri são bem mais nítidas do que as lembranças da saída. E faz sentido que a saída dele não tenha sido tão marcada. Porque, quando ele se viu do outro lado do muro, o Juqueri ainda tava muito dentro dele.

**Walter Farias:** Porque eu, quando saí do Juqueri, que eu me aposentei, eu chegava em casa, chegava assim, dia de festa, assim, a família falava: "Aí, vai buscar uma bebida ali, vai buscar um negócio lá". Eu queria ir junto, falava: "Ele, não, ele é louco". Você entendeu o estigma? Isso pesou muito. Eu só voltei a me sentir um pouco gente quando eu entrei pro mundo da música.

**Paula Scarpin:** O Walter aprendeu a tocar violão, e passou a compor algumas músicas. Mais recentemente, ele acabou encontrando uma turma e formou uma banda chamada "Pessoal do Abraço" – e o Walter é um dos compositores. Uma das músicas que ele fez, aliás, foi pra Regina Volpato – a apresentadora do "Casos de Família" quando ele teve no programa.

**Walter Farias:** Ela agradeceu.

### ***Música Turma do Abraço***

*De repente você vem/ estende a sua mão/ observa e ameniza/  
quando a vida diz "não"...*

**Paula Scarpin:** A Valentina Bressan chegou no "O Capa Branca", no Walter e no Daniel, procurando uma história brasileira de um hospital psiquiátrico visto de dentro... e ela encontrou uma história vista mais de dentro ainda do que a da Nellie Bly.

**Valentina Bressan:** A Nellie Bly, ela tem uma escolha. Ela quer ser jornalista. Mas o Walter, ele realmente não tinha perspectiva de sair do manicômio. Ele não podia escolher o momento. Então tem essa experiência que é muito visceral, de estar no lugar de um outro de uma forma literal. O Walter, ele vai ter o resto da vida dele marcado por essa experiência. A Nellie Bly também, num sentido bem mais positivo, em que ela colhe os louros dessa reportagem. O Walter vai

ficar marcado pelas consequências cruéis do que ele passa lá dentro por ter vivido o que uma pessoa louca é sujeitada.

**Paula Scarpin:** São duas histórias diferentes, de países diferentes, de séculos diferentes, mas a Valentina encontrou mais semelhanças entre a ilha de Blackwell, em Nova York e o Juqueri, em São Paulo, do que ela tava imaginando.

Se, entre as pacientes com transtornos psiquiátricos, a Nellie Bly encontrou estrangeiras, moradoras de rua, prostitutas... os colegas do Walter no Juqueri – quase cem anos mais tarde – não eram tão diferentes.

**Valentina Bressan:** Eram esses indesejados da sociedade. Incluía-se aí estrangeiros, pessoas com problemas com álcool ou drogas, ou pessoas que não trabalhavam, mulheres que engravidavam fora do casamento, homossexuais. Todo tipo de gente que era considerada indesejada era mandada pro Juqueri.

**Paula Scarpin:** Além da distância temporal, a maior diferença talvez seja a escolha da localização dos hospitais. Enquanto Blackwell's ficava praticamente no coração de Nova York, o Juqueri foi fundado a mais de 40 quilômetros do centro de São Paulo – por um médico chamado Franco da Rocha, que dá o nome à cidade hoje.

**Daniel Navarro Sonim:** E aí o Dr. Franco da Rocha, como era uma das figuras mais proeminentes na medicina psiquiátrica na época, ele tinha ido pros Estados Unidos, pra Europa, e viu como é que se lidava com essa questão: eram sempre locais afastados da capital, dos grandes centros urbanos, pra onde se mandavam as pessoas que tinham problemas psiquiátricos, doenças mentais ou questões psicológicas pra resolver.

**Paula Scarpin:** A ideia científica por trás desse *fugere urbem*, desse arcadismo, vamos dizer, dos hospitais psiquiátricos, era oferecer ar puro, contato com a natureza, enfim...

**Daniel Navarro Sonim:** Mas tinha também a pressão da própria – como chamavam – da pequena burguesia, que seria a classe média, classe média alta...

**Paula Scarpin:** Quer dizer: tinha também a boa e velha especulação imobiliária. Porque boa parte dos internos que foram levados pro Juqueri quando ele foi inaugurado foram transferidos de outro complexo psiquiátrico: o Hospício dos Alienados.

**Daniel Navarro Sonim:** ... que ficava numa região meio "incômoda", era perto da esquina da Ipiranga com a São João, ali na baixada do Glicério. Que é uma região que, se a gente pensa assim, o Teatro Municipal, tinha as ruas de comércio, era área nobre da cidade. E aí, como ter um hospital ali?

**Paula Scarpin:** Hospital... psiquiátrico, né? Porque hospital pra tratar de saúde física, todo mundo quer por perto. Mas tinha também outra questão estratégica, claro.

**Daniel Navarro Sonim:** E lá a imprensa já denunciava que os pacientes sofriam maus tratos, que as condições eram precárias.

**Paula Scarpin:** Claro que houve, sim, repórteres que iam até o Juqueri apurar denúncias, contar histórias, mas não dá pra negar que, no centro de São Paulo, um hospital psiquiátrico ficava muito na vista das Nellie Blys que tivessem passando por ali.

O Juqueri foi inaugurado no dia 18 de maio de 1898 – 18 de maio que hoje marca, aliás, o dia da Luta Antimanicomial no Brasil, e ele encerrou as atividades como hospital psiquiátrico no dia 1º de abril de 2021.

**Daniel Navarro Sonim:** Os últimos nove pacientes foram remanejados pra residências terapêuticas na região. Quando eu fui a primeira vez para o Juqueri, em 2008, eu não sei quantos pacientes tinham lá, mas eu me lembro de ter visto alguns, e já eram idosos.

**Paula Scarpin:** O auge da ocupação do Juqueri foi justamente nos anos 70, quando o Walter passou no concurso. O complexo, que tinha sido projetado pra abrigar 9 mil internos, chegou a uma ocupação de 16 mil – isso segundo as estimativas mais conservadoras, porque tem quem diga que chegou a 30 mil pessoas no auge.

**Daniel Navarro Sonim:** Todo o conjunto arquitetônico é tombado pelo Condephaat. Aquilo não pode ser mudado, tem que ser preservado. Uma parte do Juqueri, perto da entrada, assim, foi cedida pra prefeitura.

**Paula Scarpin:** Hoje ainda tem alguma coisa em funcionamento no Juqueri?

**Daniel Navarro Sonim:** Daquela época, sobrou o Manicômio Judiciário, que é o Hospital de Custódia e Tratamento, que ainda tá em operação. Mas não sei se vai demorar muito pra ele ser fechado,



porque tem lá as diretrizes da reforma psiquiátrica e tudo. Então provavelmente aquilo vai ser desativado também.

**Paula Scarpin:** A reforma psiquiátrica, que o Daniel tá falando, é uma lei aprovada em 2001<sup>1</sup>, que determinou o fechamento gradual de manicômios e hospícios.

Aliás, sobre esses termos também, mais um parêntesis: ao longo dessa história, a gente falou em: "hospital psiquiátrico" e "manicômio judiciário", que eram os termos que se usava na época pra essas duas instituições que faziam parte do Complexo do Juqueri. Muitas vezes, pra resumir, o Walter se refere a um como "hospital" e ao outro como "manicômio". Só que, na prática, pelo entendimento de hoje, o "hospital" do Juqueri também seria um "manicômio" ou um "hospício".

Mas, enquanto os manicômios não-judiciários foram sendo desativados aos poucos nos últimos 20 anos, com os manicômios judiciários – ou "hospitais de custódia" – a resistência de setores mais conservadores da sociedade é ainda maior. Foi só mais recentemente, em fevereiro de 2023, que o CNJ – o Conselho Nacional de Justiça – recomendou o encerramento dessas instituições<sup>2</sup>. Essa diretriz já tava prevista na reforma psiquiátrica, mas quem sabe agora a coisa vai, né?

Pela reforma psiquiátrica uma pessoa em sofrimento psíquico só deve ser internada em último caso, quando o tratamento fora do hospital se mostrar ineficaz. O protocolo padrão agora é o da RAPS – a rede de atenção psicossocial – do qual os CAPS – os centros de atenção psicossocial – fazem parte.

**Daniel Navarro Sonim:** Eu sei da realidade do CAPS, pelo fato da gente visitar alguns.

**Walter Farias:** Eu hoje, quando eu viajo para fazer palestra com Daniel, o que eu mais peço nas palestras é: "Gente, me leve no CAPS".

**Daniel Navarro Sonim:** O interessante da visita no CAPS, é que o usuário, ele não tem tanta trava quanto o estudante universitário, que fica com medo de ser julgado pela pergunta que vai fazer, sabe? Então lá eles perguntam tudo. Eles vêem às vezes o Walter como um exemplo. Eles falam: "Olha, ele conseguiu sair e eu estou aqui ainda,

---

1

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/06/apos-20-anos-reforma-psiquiatrica-ainda-di-vid-opinioes>

<sup>2</sup> <https://atos.cnj.jus.br/files/original2015232023022863fe60db44835.pdf>

que eu posso fazer para sair dessa situação?" E aí ele conversa com eles. Teve realmente uma vez que ele foi recebido como uma estrela que estava chegando na cidade. Tinha a faixa com o nome dele... mas é um local mais de portas abertas, né? A pessoa vai lá para seguir o tratamento, então ela não precisa. Tem alguns que a pessoa fica lá, dorme e tal, mas hoje em dia o grande diferencial, eu acho, não é nenhum protocolo, é o cuidado individual que não existia no Juqueri.

**Paula Scarpin:** Esse "cuidado individual", que o Daniel tá falando, é no sentido de "individualizado", "direcionado". A ideia do atendimento no CAPS é que cada pessoa seja tratada como uma pessoa. Que cada sofrimento, cada transtorno psiquiátrico receba um tipo de cuidado diferente. Mas todo o conceito do centro de atendimento é, ao mesmo tempo, coletivo. Não só pelas diferentes especialidades dos profissionais que atendem, mas também pelo convívio entre os usuários do serviço, e – principalmente – com a comunidade em geral. Porque o principal norte do CAPS é o cuidado em liberdade. Não é fácil. E sozinho – isolado num manicômio – é muito mais difícil.

**Walter Farias:** É uma luta muito difícil. Uma cura muito demorada.

**Paula Scarpin:** Mas até hoje ninguém conseguiu inventar uma solução melhor que tentar montar o quebra-cabeça junto.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo.

Quem trouxe essa história pra gente foi a Valentina Bressan. Além do livro "*O Capa Branca*", com o Walter Farias, o Daniel Navarro Sonim também escreveu o "*Cinzas do Juquery: os Horrores no Maior Hospital Psiquiátrico do Brasil*" com o José da Conceição – primo do Walter que também foi funcionário do hospital e do manicômio judiciário. A gente agradece à Nicola Worcman pela leitura atenta do roteiro e consultoria sobre os conceitos de psiquiatria.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no nosso site, vai ter um link pro livro do Walter e do Daniel e mais material, tanto sobre o Juqueri, quanto sobre as façanhas da Nellie Bly.

Fica aqui de novo o convite pra assinar a newsletter do Apresenta, e pra seguir a Novelo nas redes sociais, sempre no @radionovelo. Agora, se você quiser mandar

uma história pra cá, que nem a Valentina, é só escrever pro e-mail [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.